



AVIGUR-ROTEM, Gabriela. *Mozart não era judeu*. Trad. Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 388p.

## A música e a invenção do desejo: imigrantes judeus na América Latina

**Lyslei Nascimento\***

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil  
lyslei@ufmg.br

O romance *Mozart não era judeu*, de Gabriela Avigur-Rotem,<sup>1</sup> desenha e constrói, sobre o mapa latino-americano, genealogias judaicas que se mesclam aos destinos do continente. Ao estabelecer vínculos entre as línguas, as religiões e os costumes, pouco a pouco, a vida dos judeus emigrantes adquire tonalidades e ritmos da América. As famílias judias, cujas histórias são rastreadas, deixam também, na terra que as acolhe, sulcos e traços de sua cultura.

Como uma espécie de concerto híbrido entre ficção e história, o romance apresenta-se como uma invenção do desejo e da memória judaica que, no Novo Mundo, por intermédio da música, da escrita e dos registros orais, resgata a bem urdida trama de conflitos e afetos entre os latino-americanos, herdeiros de uma tradição cristã, e os imigrantes judeus da Europa.

Notas musicais nomeiam os capítulos – dó, ré, mi, sol... – temas musicais que se abrem como as flores dos laranjais no cenário argentino. Os Hidekel, em Buenos Aires, e os Gurman, nos pampas, encontram-se com a cultura e a identidade latino-americanas e, a partir de suas histórias, o narrador compõe uma espécie de renda,

---

\* Professora na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenadora do Núcleo de Estudos Judaicos e bolsista de produtividade do CNPq.

<sup>1</sup> Gabriela Avigur-Rotem é poeta e romancista. Nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1946, mudando-se para Israel em 1950. É formada em Literatura hebraica e inglesa. Ensinou literatura e dirigiu oficinas de escrita nas Universidades de Haifa e Ben Gurion. Atualmente, é editora na Haifa University Publishing House. Ela publicou seu primeiro livro de poesia em 1980 e seu primeiro romance em 1992. Recebeu o Prêmio Peter Schweipert para Jovens Escritores, o Prêmio Rabinowitz de Poesia (1990), o Prêmio do Primeiro Ministro duas vezes (1992; 2001), os prêmios Gold e Platinum Book Kishet Publishers e o Goldberg Award por seu romance *Heatwave and Crazy Birds* (2001), o President's Prize (2002), o President's Prize (2002), o WIZO Prize (França, 2006) e o Geffen Prize for *Every Story Is a Sudden Cat* (2014).



cujos pequenos furos desvelam os destinos que aqui são cruzados. Essa narrativa pode ser vista também como um bordado feito de fios e vozes diversos, que constitui o intrincado tecido latino-americano

Até onde é possível chegar quando se quer reescrever o passado? Pergunta o narrador que, ciente da escrita bruxuleante da história, cola, às margens do texto, a lenda, a fábula, os casos transmitidos de pai para filho. O leitor precisa estar atento aos trechos que esvaziam a narrativa do apelo rigoroso da construção fiel do passado, porque "a verdade, se é que ocorreu, já se perdeu na escuridão que se vai fechando entre o ser humano e suas origens, mas a história surge e aflora como seiva, tornando-se mais tênue de geração a geração, transformando-se em uma copa gloriosa de um rendado de folhagens e desejos, quase tocando o céu...".

Desse modo, a preocupação em percorrer os itinerários históricos dos ancestrais é atravessada pela consciência das emendas ficcionais, da fabulação e das falhas da memória. Se a documentação histórica é escassa e passível de retoques, burlas e deliberadas obliterações, também a reminiscência pessoal e a escrita são vacilantes e sujeitas à recriação. Assim, a reencenação do passado pelo romance não é, rigorosamente, um documento histórico, mas um palco onde a ficção, lugar por excelência do desejo e da fantasia, pode reinventar o passado e ampliar nossa leitura do presente e do futuro. As referências históricas, que não estão ausentes do texto, mesclam-se ao contorno ficcional que, apesar de recompor o passado, não o faz com intenção de recuperar os fatos tal como aconteceram mas, entremeá-los com a inusitada interferência dos elementos ficcionais que desconstroem a autoritária escrita que se quer verdade absoluta, incontestável e sem lacunas.

Os pianos – um, dois, três... sete! – constituem uma metáfora do sonho do futuro e de certo apego dos imigrantes ao passado europeu. Literalmente, tomando a casa dos Hidekel, eles são presenteados a cada criança que nasce na nova terra. Esses pianos, em meio a uma terra a ser cultivada, uma promessa a ser perseguida, traduzem a cultura europeia e judaica que transmigram e aqui adquirem uma cor e um tom que se afeiçoam à cultura local.

A identidade dos pais, enraizada na alma, desfia-se nos destinos dos filhos. Sem o que poderíamos chamar de uma cicatriz de origem, esses filhos acabam por escrever seus próprios caminhos, tentando escapar, por fendas da memória, para a instância dos próprios desejos, onde o destino do emigrante judeu e de sua descendência enlaça-se ao destino latino-americano e ali cria gavinhas, vínculos.

Mas, até onde será possível rasgar as películas da memória? Talvez, até aos espaços das narrativas possíveis, aquelas que construam uma identidade que negocie espaço e comporte a diferença e o outro. Desse modo, os empreendimentos narrativos (romances, poesias, depoimentos e diários, por exemplo) poderiam deixar confluír os desejos – dos pais e dos filhos – tecidos com a história, a geografia, as antigas narrativas de viagens e, por que não, as pesquisas da gramática hebraica. O romance,



esse tecido rendado de fios que, ora se mostram, ora se ocultam, estende-se de estrela a estrela, desenha castelos de cristal azul nos campos e cidades da América Latina, sob o olhar caleidoscópico do leitor.

-----

Recebido em: 03/03/2020.

Aprovado em: 13/04/2020.